



ISSN 1807-2550

Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

www.ufrgs.br/sbp

Ano 22, n. 58

Abril, Maio, Junho/2006

EDITORIAL

Neste trimestre, o BPD conta com a colaboração de diversos colegas que nos enviaram interessantes textos divulgando questões relativas à Paleontologia brasileira. Esta edição também conta com informações sobre problemas crônicos com a preservação do patrimônio fossilífero nacional. Porém, como se percebe no BPD 58, assim como em número anteriores, observa-se um esforço constante por parte da comunidade de paleontólogos brasileiros, no sentido de proteger nossos fósseis. É o caso da construção da primeira unidade de parques paleontológicos na região da Quarta Colônia e do novo prédio do Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello, ambos no Rio Grande do Sul. Também neste estado, programas de rádio têm contribuído para a divulgação da Paleontologia.

A SBP tem mantido contato com várias sociedades e, nesse número, divulga o trabalho da SBE – Sociedade Brasileira de Espeleologia. Aproveitamos a oportunidade para parabenizar o Programa de Pós-Graduação em Geociências da UFRGS, que comemorou a produção de 700 teses e dissertações. Lembramos também de divulgar o trabalho de autores de livros nacionais,

como nosso colega Alexander Kellner.

Apesar das boas notícias, infelizmente, precisamos informar que, nesse período, perdemos uma famosa pesquisadora da UFRJ, a professora Diana Mussa.



Projeto de educação ambiental, realizado pelo Museu Cel. Tancredo Fernandes de Mello, de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, visando à conscientização e preservação do patrimônio paleontológico e arqueológico local (foto cedida por Jamil Pereira).

Neste número:

O Maranhão há 95 milhões de anos	2
Dinossauros da Formação Santana, Bacia do Araripe	3
Paleopatologia	4
Paleontologia brasileira perde uma pesquisadora: Diana Mussa	6
Depois do contrabando, o leilão	7
Impacto de Eco-Geoturismo no Brasil Central	7
Lançamento de Livros	8
Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello	8
Construção dos Parques Paleontológicos da Quarta Colônia, RS	9
Cultura Documenta	10
PPG-Geociências da UFRGS comemora 700 teses e dissertações	10
Sociedade Brasileira de Espeleologia	11
Eventos	12
Links interessantes	13
Fotos Paleo 2006 – SP	15

O MARANHÃO HÁ 95 MILHÕES DE ANOS

Rafael Matos Lindoso

As rochas que compõem a Bacia de São Luís – que abrange o litoral norte e noroeste do Maranhão – guardavam um segredo infinitamente belo sobre nossa pré-história, e que remonta uma época dominada por bestas, antes associada a animais mitológicos. Por quase meio século de investigações minuciosas, cientistas brasileiros e estrangeiros puderam proporcionar à população maranhense um quadro notável sobre o que aconteceu por aqui na época em que os dinossauros dominavam a Terra.

Inserida na Bacia de São Luís, a Ilha do Cajal – localizada nas proximidades de Alcântara (Fig.1) – guarda um dos mais importantes afloramentos fossilíferos do país, com mais fósseis de dinossauros por metro quadrado que qualquer outro no território nacional. Datando cerca de 95 milhões de anos antes do presente (período Cretáceo médio), a Laje do Coringa, descoberta em 1994 por um geólogo – Francisco Corrêa Martins – representando o Instituto de

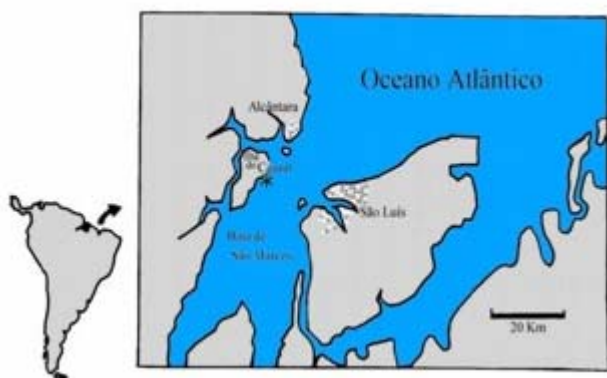


Figura1. Mapa de localização da Ilha do Cajal. O asterisco indica a localização da Laje do Coringa (Fonte: Manuel Alfredo Medeiros).

Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), constitui-se num dos mais promissores campos de estudos paleontológicos do Brasil.

Os elementos faunísticos mais comumente identificados são fragmentos de vértebras e dentes de dinossauros. Estes incluíam os saurópodes (grandes dinossauros herbívoros com cauda e pescoço compridos) e os terópodes (bípedes predadores). Dentre os gigantes herbívoros foram identificados grupos associados às faunas da Argentina e África, que viveram na mesma época, o que se verifica também com os bípedes carnívoros. Por exemplo, os Andessaurídeos (alguns representantes podendo exceder os 30 metros), primeiramente identificados na Argentina, pelos paleontólogos Jorge Calvo e José Bonaparte, e que posteriormente foram também registrados no norte africano, fazem parte do grupo de representantes de peso do Cretáceo maranhense. Outros saurópodes já identificados no Maranhão são o Titanossauro e um Rebbachisaurídeo, dois grupos também encontrados na Argentina e África.

O gigante *Carcharodontosaurus*, ou “dinossauro com dentes como os de tubarão”, pertencia ao grupo dos terópodes carnívoros. A princípio, identificado no norte africano pelo paleontólogo alemão Ernst Stromer, em 1931, podia atingir até 14 metros de comprimento. Este animal está entre os mais notáveis carnívoros registrados na Laje do Coringa e em todo o mundo. Outros terópodes já identificados em solo maranhense são o *Spinosaurus* e, provavelmente, uma forma associada aos Dromeosaurídeos (grupo que inclui o famoso *Velociraptor* do filme *Jurassic Park*).

Fragmentos fósseis de placas dorsais ossificadas (osteodermos) e numerosos dentes de crocodilos indicam que estes répteis podiam exceder os 4 metros. Peixes, tartarugas e outros animais encontram-se entre alguns dos representantes da paleofauna maranhense. No que tange à flora, o registro fóssil apresenta-nos samambaias arborescentes (do tamanho de pequenas árvores, podendo atingir mais de 3 metros de altura). Comuns eram as Coníferas que, adaptadas ao clima

mais quente e úmido do Cretáceo, dominavam zonas tropicais por todo o globo. As Equisetáceas (tipo de planta primitiva de aparência *grosso modo* semelhante ao bambu) vegetais e animais permitiram aos cientistas reconstituir o ambiente do período Cretáceo médio do norte maranhense. Tratava-se de um clima árido a semi-árido, mas com vegetação luxuriante próxima aos rios e pântanos que, na região de Alcântara e São Luís, concentravam-se em um grande estuário.



Figura 2. Representação artística do norte do Maranhão há 95 milhões de anos (a). *Mawsonia* (no alto à direita) e *Lepidotes* (em baixo à esquerda) eram presas de dinossauros carnívoros (b). O gigante carnívoro *Carcharodontosaurus* (à direita) ataca um *Titanosaurus*, um dinossauro saurópode (c). O exótico *Spinosaurus*, que possuía uma espécie de “vela” nas costas, alimenta-se de peixes (d). (Fonte: Manuel Alfredo Medeiros).

Décadas de trabalho de vários pesquisadores e instituições (UFMA, UFRJ, UFRGS, MPEG, PETROBRAS) têm lançado luz sobre várias questões significativas de interesse da Paleontologia do Cretáceo brasileiro. Os fósseis maranhenses, por exemplo, ajudam a reforçar uma importante interpretação da história dos continentes. A similaridade faunística entre o norte maranhense e o norte africano em meados do Cretáceo, nos ajuda a entender que um dia estes continentes já estiveram unidos em um único bloco de terra emersa: o Gondwana. “Seria impossível explicar esta similaridade entre as faunas se considerássemos que a posição dos continentes sempre foi a mesma que

hoje. Temos que admitir que a África e a América do Sul já estiveram unidas num passado remoto”, explica o paleontólogo Manuel Alfredo Medeiros (UFMA).

A ciência dos fósseis, por documentar a história do mundo antes do aparecimento do Homem e também a própria evolução da nossa linhagem, nos fornece subsídios para uma profunda reflexão sobre nossas origens e o significado de nossa existência, conduzindo-nos assim ao âmago deste grande mistério.

DINOSSAUROS DA FORMAÇÃO SANTANA, BACIA DO ARARIPE

Elaine Batista Machado
Alexander W. A. Kellner
Museu Nacional, UFRJ

Não é segredo para ninguém que a Bacia do Araripe reúne alguns dos principais depósitos de fósseis do país. Os membros Crato e Romualdo da Formação Santana constituem dois *lagerstaetten* distintos, com feições sedimentares e tafonômicas também distintas, como já foi repetidamente salientado em publicações científicas. Destes depósitos vem a única suposta evidência osteológica de *Ornithischia* do Brasil. É este aspecto, que envolve a fauna de dinossauros daquela região, que será abordado nesta nota.

Dinossauros na Formação Santana são raros, mas já se tem um pequeno número de espécimes que produziram algumas informações científicas interessantes. Dos calcários laminados do Membro Crato são conhecidos apenas penas, incluindo penas de vôo, semi-plumas, uma pluma, e penas de contorno. Bem preservadas estas penas apresentam as suas estruturas principais (cálamo, raque, barbas e bárbulas). Algumas, inclusive, demonstram o padrão de coloração - fato raro na paleontologia. Até o momento, todas foram associadas a aves, porém, com as recentes

descobertas da presença de penas em dinossauros não-avianos, sua natureza antes atribuídas às aves torna-se duvidosa. Nenhuma evidência osteológica de dinossauros (avianos ou não-avianos) do Membro Crato foi confirmada em algum artigo, apesar de alguns relatos na mídia ou breves citações em trabalhos. Claro que existe a expectativa de em algum momento descrições de esqueletos destes répteis acabem sendo publicadas.

Já no Membro Romualdo, a quantidade de ossos de dinossauros é pequena, porém significativa. Quatro espécies descritas são provindas desta região, dois pertencentes a um grupo de terópodes de grande porte (*Irritator challengeri*, e *Angaturama limai*), clado Spinosauridade. E dois outros de menor porte, um maniraptoriforme *Santanaraptor placidus* e um compsognatídeo *Mirischia asymmetrica*. Além disto, ainda são encontrados outros restos de terópodes como uma vértebra cervical incompleta, uma seqüência de vértebras sacrocaudais atribuída a Spinosauroida, um sacro associado com um fragmento de ílio, cuja classificação dentro de Oviraptorosauria tem sido contestada; uma pélvis e outros materiais associados. Contrastando com estas ocorrências está um exemplar originalmente tido como um possível ísquio de um ornítisquio, a única suposta evidência osteológica deste grupo no Brasil. Após uma preparação do exemplar, pode-se verificar que se trata de uma costela, referida a Theropoda (trabalho submetido). Por alguma razão, outros grupos de dinossauros não foram, até o momento, registrados na Formação Santana. Tal fato é um tanto curioso, já que dinossauros do clado Sauropoda (particularmente os titanossauros) são relativamente comuns em outras regiões do Brasil, como exemplo a Bacia Bauru. Não haveria herbívoros na Formação Santana? Não conseguimos vislumbrar nenhuma restrição do ponto de vista tafonômico para a não-preservação de dinossauros herbívoros nos

depósitos do Membro Romualdo. Desta forma, é bem provável que estas formas que se alimentavam de plantas, se presente, deveriam ter sido bastante raras, até mais do que os terópodes, ao contrário do que se vê em outros depósitos com dinossauros no mundo. Qual seria a razão, principalmente do ponto de vista ecológico para essa "reunião" de dinossauros carnívoros em um mesmo local sem ou com pouquíssimos herbívoros? No caso específico dos terópodes de maior porte, sabemos que eles pertencem aos Spinosauridae que, segundo o que se pensa atualmente, se alimentavam preferencialmente de peixes. Porém, em outros depósitos onde espinosaurídeos foram encontrados como, por exemplo, no Níger, localizado no continente africano, também tinham restos de dinossauros herbívoros. Já o caso dos terópodes de menor porte, estes talvez se alimentassem de presas pequenas como lagartos. De qualquer forma, esta questão é bastante intrigante sob o ponto de vista paleontológico - alguém tem alguma idéia?

PALEOPATOLOGIA

Uiara Gomes Cabral; Deise D. R. Henriques &
Alexander W. A. Kellner
Museu Nacional/UFRJ

Doenças no registro fóssil é tema de interesse cada vez maior de paleontólogos em todo mundo. Sob a denominação de Paleopatologia, estudos diversos têm sido publicados nos últimos anos, variando desde anomalias em ovos de dinossauros até doenças em mamíferos do Pleistoceno. Sempre é bom salientar que a Paleopatologia foi inicialmente definida por Sir Armand Ruffer - tido como o pai desta disciplina - como sendo "a ciência das doenças que podem ser

demonstradas em restos humanos e animais de tempos antigos." Desta forma este termo é amplamente utilizado na Arqueologia e Antropologia biológica que lidam com restos humanos, bem mais recentes que os fósseis tradicionalmente enfocados pelos paleontólogos.

Pode-se dizer que o início da Paleopatologia se deu no século XVIII com os primeiros trabalhos sobre a extinta fauna pleistocênica da Europa. No início do século XIX, estas pesquisas se estenderam ao material humano (esqueletos fossilizados e mumificados), onde receberam grande ênfase, gerando trabalhos fundamentais na área, que são de grande importância inclusive para nós, paleontólogos.

Quando o estudo paleopatológico é direcionado a ciência da Paleontologia, o próprio objeto de estudo é fator causal de dificuldades de interpretação. Tal dificuldade consiste no fato de que a preservação de tecidos moles é muito rara, sendo encontrados na maioria dos casos somente ossos e/ou dentes. Assim, é preciso imaginar como músculos, vasos, medula óssea e outros tecidos ausentes estariam agindo sobre aquele osso. Ademais, o estado de conservação dos ossos e das lesões e o método de coleta também influenciam no resultado da pesquisa.

Encontrado um osso com sinal patológico torna-se necessário analisar o estado de conservação do mesmo. Algumas vezes as lesões presentes podem ser confundidas com alterações *post-mortem* ou pseudopaleopatológicas. Estas falsas lesões podem se desenvolver durante o processo de fossilização, escavação do fóssil ou serem o resultado do mau acondicionamento em coleções científicas - estas últimas menos raras do que gostaríamos.

Os métodos de estudo em paleopatologia são muitos, mas usualmente uma análise macroscópica do material estudado deve ser feita em um primeiro momento, descrevendo em detalhes a localização,

extensão e textura da área alterada sendo uma etapa de extrema importância. Cabe lembrar, a necessidade do uso de uma terminologia precisa para que leitores e futuros pesquisadores que desejem os dados contidos no trabalho possam entendê-los. Algumas vezes o diagnóstico não é possível apenas pelo exame direto, podendo então ser utilizado dois tipos principais de exames complementares em relação a tecidos duros: estudo radiográfico e estudo microscópico. O estudo radiográfico realizado através do Raio-X pode ser útil para avaliar a existência de sinais não aparentes externamente ou para corroborar os resultados alcançados no estudo macroscópico, avaliando a extensão da lesão.

Para interpretar os dados obtidos na pesquisa paleopatológica é preciso haver o entendimento de que as doenças e a maneira como o corpo reage a elas não mudaram ao longo do tempo. Assim, podemos utilizar os fundamentos e técnicas da medicina atual para auxiliar-nos no diagnóstico das patologias encontradas e entender como a doença afetava o corpo. Algumas técnicas mais modernas de medicina vêm sendo utilizadas em paleopatologia como a tomografia computadorizada e a ressonância magnética. Após a identificação de todas as anormalidades no material pesquisado e todos os problemas que podem ser causados por processos tafonômicos serem excluídos, as lesões ou os sinais de problemas ocorridos em vida e sua relação com as doenças podem ser diagnosticados.

Atualmente as observações das condições ósseas patológicas têm sido formalmente agrupadas em nove categorias: anormalidades de forma, anormalidades de tamanho, perda óssea, formação óssea anormal, fraturas e deslocamentos, hiperostose porótica/cribra orbitalia, patologias vertebrais, artrites e condições diversas.

Há também uma outra grande dificuldade de se diagnosticar em paleopatologia, pois existem centenas

de diferentes doenças que podem afetar o esqueleto. Portanto, podemos encontrar uma mesma resposta no osso para agentes causais diferentes e, como os “pacientes” não podem relatar suas queixas e seus hábitos, os ossos são tudo que os paleopatologistas têm como material de trabalho. Em uma tentativa de simplificar o diagnóstico foram elaboradas categorias das principais doenças que afetam os ossos: vascular, inflamatória/imune, traumática, anomalias metabólicas, musculares/de inervação e neoplásicas. Após a identificação de qual categoria o osso afetado pertence, delimitam-se as possibilidades e torna-se mais viável o diagnóstico diferencial.

A partir da identificação das patologias, inferências podem ser feitas sobre o tipo de movimento praticado regularmente e os possíveis acidentes, o impacto de estressores ambientais sobre a saúde, mortalidade e longevidade, o tipo de dieta e até mesmo deficiências nutricionais. Estes dados permitem evitar erros taxonômicos e auxiliam no esclarecimento da história e evolução das doenças.

No Brasil existem poucos trabalhos nesta área. Não deve ser problema de exemplares, mas sim a falta de um “olho treinado” para reconhecer anomalias que possam se revelar patológicas. A maioria dos trabalhos é realizada com grupos humanos pré-históricos por pesquisadores da FIOCRUZ e do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/ UFRJ. No campo dos fósseis os pesquisadores da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul desenvolvem pesquisas principalmente com mamíferos do Pleistoceno que apresentam sinais de osteoartrite, osteocondrose do disco intervertebral, osteomielites e/ou alterações dentárias, entre outros.

Feições patológicas em costelas de dinossauros da família Titanosauridae e sinais de infecção em ossos de um pterossauro Anhangueridae também são conhecidas, mas este número ainda é bem abaixo do

que já foi registrado em coleções de vertebrados em alguns outros países, como nos Estados Unidos e Canadá. Certamente deve existir um número bem maior de exemplares exibindo patologias nas coleções brasileiras.

QUER DIVULGAR A PALEONTOLOGIA DE SUA REGIÃO NO *Paleontologia em Destaque*?

ESCREVA PARA joao.coimbra@ufgrs.br

**PALEONTOLOGIA BRASILEIRA
PERDE UMA PESQUISADORA: DIANA
MUSSA**

Benedicto Rodrigues

O Brasil perdeu uma das suas mais importantes pesquisadoras na área da Paleobotânica. Diana Mussa, professora titular aposentada da UFRJ, trabalhou nos últimos anos de sua profícua carreira no Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional. Dedicou-se à pesquisa na área da Paleobotânica, iniciando-se no Departamento Nacional da Produção Mineral na década de 1960. Mais tarde ingressou no Museu Nacional se fixando no setor de paleobotânica, onde viria a ser a curadora da coleção até a aposentadoria. Publicou inúmeros trabalhos de pesquisa na sua especialidade, orientou bolsistas e alunos de pós-graduação, sendo reconhecida mundialmente como grande autoridade em sua linha de pesquisa. O falecimento da professora Diana Mussa deixa consternados a todos os que tiveram a oportunidade de conviver com seu espírito humanitário e admirar a dedicação com que realizava a sua missão como cientista e educadora.

DEPOIS DO CONTRABANDO, O LEILÃO

Depois de coletas ilegais de fósseis serem denunciadas pela imprensa brasileira, uma nova reportagem mostra outro desrespeito ao patrimônio nacional. A reportagem foi feita por Cristina Amorim, jornalista de “O Estadão”, que chegou a contatar a empresa francesa responsável pelo leilão de um importante crocodilomorfo brasileiro (veja [links](#) interessantes) entre outros fósseis (foto). O material foi leiloadado em Paris e a documentação falsa tratava o espécime como procedente do Uruguai, país no qual não ocorre. A SBP fez a denúncia ao DNPM, Ministério Público, Casa Civil da Presidência da República e Ministério das Relações Exteriores. Importante enfatizar que embora a França tenha recentemente ratificado o acordo internacional para a não comercialização de fósseis, tudo o que foi comprado por particulares ou instituições antes dessa “ratificação” ainda pode ser comercializado em território francês, infelizmente.



Leilão de fósseis na Christie's, Paris, que vendeu fósseis do Brasil e de outras regiões do mundo (Crédito: O Estado de São Paulo, terça-feira, 17 abril de 2007).

IMPACTO DE ECO-GEOTURISMO NO BRASIL CENTRAL

Manfredo Winge
SIGEP

O Eco-Geoturismo vem crescendo dia a dia e deve ser saudado por nós como uma ferramenta importante de preservação de nosso patrimônio natural e de popularização das geociências, abrindo uma perspectiva de campos de atividades das mais diversas ordens, desde as nossas pesquisas geocientíficas, descobrindo e caracterizando os sítios, até os serviços de guias, hotelaria e associados.

Na área de influência geográfica do IG/UnB temos já vários sítios registrados e publicados pela SIGEP. Entretanto, os estados do Brasil Central, a par de paisagens espetaculares e de um clima muito propício às caminhadas de trilhas de ecoturismo, apresentam um extraordinário potencial de sítios geológicos, geomorfológicos e paleobiológicos, e de história da mineração, que ainda não foi explorado.

Assim, fazemos um chamamento aos colegas que trabalharam em áreas contendo sítios importantes que merecem ser preservados como os propostos para descrição por colegas nossos, bem como outros a serem propostos via formulário padrão, que elaborem artigos para o VOLUME III de SÍTIOS GEOLÓGICOS E PALEONTOLÓGICOS DO BRASIL, da SIGEP. Cada artigo, com cerca de 10 páginas, corresponderá a um capítulo do livro (veja informações no [site](#) do SIGEP, em [links](#) interessantes).

Separatas de capítulos e mesmo cópias do Volume III deverão ser encaminhados a órgãos federais, estaduais e municipais aos quais interessam a preservação e exploração sustentável do sítio geológico.

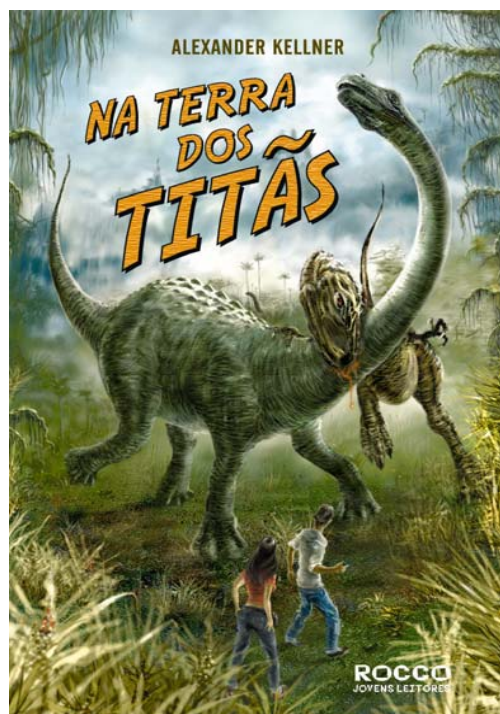
LANÇAMENTO DE LIVROS

NA TERRA DOS TITÃS

Autor: Alexander Kellner

www.rocco.com.br

R\$ 29,00



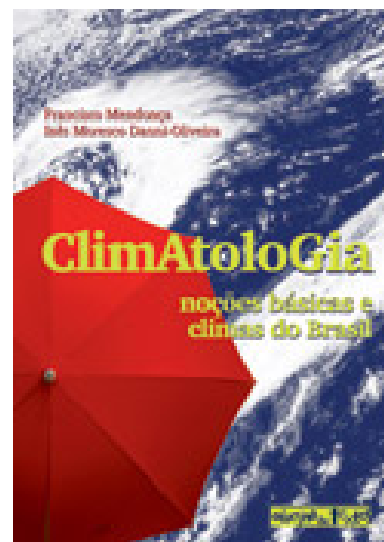
No dia 26 de abril, o prof. Dr. Alexander Kellner (MN, UFRJ) lançou, na Livraria da Travessa, (Rio de Janeiro) mais um livro sobre Paleontologia. Dessa vez, trata-se de um projeto pioneiro, pois Alexander mistura realidade e ficção com informações sobre a Paleontologia brasileira, ao contar as aventuras de um grupo de amigos que participa de uma expedição científica na busca de dinossauros. Toda a trama é baseada em uma história real de uma expedição que ocorreu em 2003.

CLIMATOLOGIA

Autores: Francisco Mendonça &, Inês Moresco Danni-Oliveira

R\$ 67,82

A venda em diversos sites



Esta obra reúne conceitos básicos de Meteorologia e Climatologia, destacando os domínios climáticos e sistemas atmosféricos que regem o tempo e os climas do continente sul-americano e do Brasil. Efeito estufa, El Niño e La Niña e desertificação, associados às mudanças climáticas globais, recebem atenção especial.

Mudou-se? Trocou e-mail?

Mantenha atualizado seu endereço postal e eletrônico junto ao cadastro da SBP! Só assim as publicações e comunicados da sociedade podem chegar até você. Envie mudanças para ana.ribeiro@fzb.gov.br

MUSEU CORONEL TANCREDO FERNANDES DE MELLO

Jamil Pereira

O Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello, localizado em Santa Vitória do Palmar, extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, em breve terá o destaque que merece. A prefeitura do município comprou um prédio histórico do século XIX, no centro da cidade, que será recuperado e transformado em Museu de Paleontologia, com ênfase na fauna do Quaternário. O museu contará com reconstituições do

paleoartista uruguaio, Gustavo Lecuona, que já fez desenhos para a *National Geographic* e é reconhecido pelo seu excelente trabalho.

Segundo Jamil Pereira, paleontólogo responsável, o Museu tem desenvolvido trabalhos nas áreas de pesquisa e educação ambiental, conscientizando e preservando o patrimônio paleontológico e arqueológico do município de Santa Vitória do Palmar. O local possui rico acervo paleontológico, que conta um pouco da pré-história da região, através do estudo e da exposição de fósseis e réplicas dos grandes animais que habitavam o sul do RS, há mais de 10 mil anos, tais como mastodontes, preguiças gigantes, tatus gigantes, toxodontes, macrauchenias, tigres-dentes-de-sabre, entre outros. Palestras e oficinas também são realizadas em escolas e em eventos públicos, com a finalidade de conscientizar os alunos e a comunidade para a preservação do patrimônio paleontológico do município.

O Museu encontra-se aberto à visitação das 08h:30min às 11h:30min, e das 13h às 18h. O novo endereço é Barão do Rio Branco, 467, Santa Vitória do Palmar, RS e o telefone (53) 3263-8000.



Fóssil em exposição no Museu Coronel Tancredo Fernandes de Mello (Crédito da foto: Jamil Pereira).

CONSTRUÇÃO DOS PARQUES PALEONTOLÓGICOS DA QUARTA COLÔNIA, RS, INICIAM ESTE ANO

José Itaquí
CONDESUS – Quarta Colônia

O Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia – CONDESUS/Quarta Colônia, com o apoio da PETROBRÁS e da ELETROBRÁS, por meio da Lei de Incentivo à Cultura/MINC, dará início no mês de julho deste ano à construção do Projeto Parques Paleontológicos da Quarta Colônia. Este projeto se estrutura em três campos integrados (pesquisa, educação e desenvolvimento regional) e envolve, de forma direta, os municípios de São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Dona Francisca e Agudo, todos localizados na região central do Rio Grande do Sul, na qual serão construídas as quatro Unidades Museológicas integradas ao Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia / CAPP. Nesta primeira etapa será construído, em São João do Polêsine, o CAPP, complexo de 2.649 m², que contará com uma infra-estrutura de apoio à pesquisa, composta de laboratórios, reserva técnica, biblioteca, salas de aula e de pesquisa, museu, cafeteria, auditório, área administrativa e uma pousada para pesquisadores. O projeto arquitetônico é de Ceres Magali Maggi Storch e Nico Rocha.

O complexo, de gestão consorciada, tem por objeto disponibilizar às instituições de pesquisa, públicas e privadas, os meios necessários para a implantação e o desenvolvimento de programas de monitoramento, pesquisa e coleta em sítios e afloramentos fossilíferos da região. As quatro Unidades Museológicas farão um recorte, por meio de exposições permanentes e temporárias, da vida animal e vegetal durante o período Triássico. Com este projeto serão

dadas as condições necessárias para preservar o patrimônio fóssilífero da Região Central do Rio Grande do Sul, apoiar e promover o desenvolvimento da pesquisa, contribuir na formação científica e socializar este patrimônio com os mais diversos públicos, integrando-o ao desenvolvimento regional.



Perspectiva do CAPPa de São João do Polêsine, o primeiro a ser construído. Projeto arquitetônico de Ceres Magali Maggi Storch e Nico Rocha.

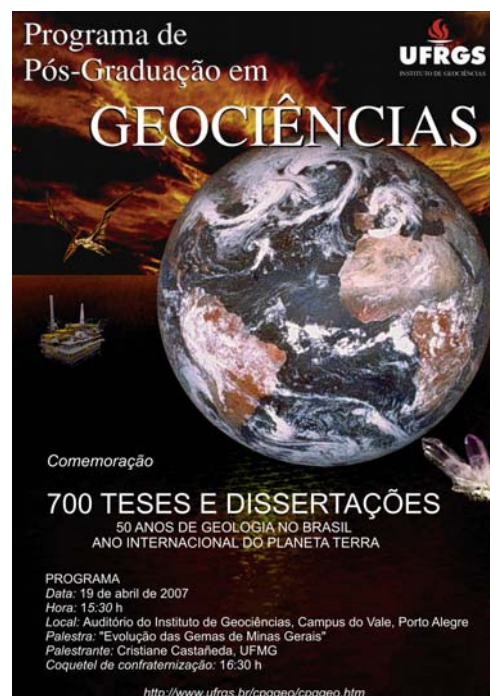
CULTURA DOCUMENTA: PROGRAMA DE RÁDIO DIVULGA A PALEONTOLOGIA

A Rádio FM CULTURA, 107.7, de Porto Alegre, RS, fez um documentário, incluído no programa CULTURA DOCUMENTA, no qual entrevistou o presidente da SBP, Prof. João Carlos Coimbra, e paleontólogos do RS e de outros estados. O documentário teve como objetivo divulgar a possível paisagem do Rio Grande do Sul e as características ambientais da região desde o Triássico até o Quaternário. Através da descrição feita pelos paleontólogos entrevistados, firmadas em suas pesquisas, foi possível descrever para os ouvintes o clima, a vegetação, a fauna e os aspectos geológicos, em especial da metade sul do Estado. Conforme o

jornalista Márcio Pessoa, responsável pelo programa, divulgou-se um dado que poucos brasileiros sabem: os mais antigos dinossauros fósseis do mundo foram encontrados no RS.

O CULTURA DOCUMENTA aborda questões envolvendo meio ambiente, direitos humanos e cidadania, ciência e fatos históricos. O programa vai ao ar todos os sábados às 10 horas.

PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOCIÊNCIAS, UFRGS, COMEMORA A REALIZAÇÃO DE 700 TESES E DISSERTAÇÕES



O Programa de Pós-Graduação em Geociências (Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul) completou entre dezembro/2006 e abril/2007 a formação de 200 Doutores em Ciências e 500 Mestres em Geociências. A observação das atividades desenvolvidas pelos 700 egressos do PPGGeo entre 1968-2007 assinala o seu grande impacto na sociedade brasileira. Muitos são cientistas e formadores de recursos humanos em universidades, e número equivalente encontra-se em posições de grande

responsabilidade nas atividades relacionadas a petróleo, mineração, exploração mineral e defesa da qualidade do meio ambiente em que os brasileiros vivem. Alguns estão deixando suas marcas de qualidade a nível internacional, inclusive atuando também em outros países. O Programa conta com quatro áreas de concentração: Paleontologia, Estratigrafia, Geoquímica e Geologia Marinha. Atualmente possui 44 docentes, sendo 35 permanentes, 8 colaboradores e 1 visitante. Nos últimos anos, o Programa tem formado cerca de 15 doutores e 25 mestres por ano, publicado anualmente cerca de 40 artigos científicos em revistas internacionais, além de um número significativo de artigos em revistas nacionais, livros e capítulos de livros, muitos deles com a participação dos discentes. Maiores informações sobre as 200 teses e 500 dissertações podem ser encontradas na página <http://www.ufrgs.br/cpggeo/LivretoInova.pdf> Demais informações sobre o Programa na página <http://www.ufrgs.br/cpggeo/cpggeo.htm>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESPELEOLOGIA - SBE

Marcelo Rasteiro

A SBE – Sociedade Brasileira de Espeleologia é uma sociedade civil sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública que congrega em nível nacional, grupos e pessoas interessadas na exploração, pesquisa e preservação de cavernas. Fundada em 01/11/1969, vem incentivando, organizando e difundindo todas as atividades relacionadas à Espeleologia, quer seja no campo esportivo, social ou científico.

Para atingir seus objetivos, a sociedade desenvolve uma série de ações: a) organiza

expedições, palestras, encontros e congressos, como o 29º Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE), realizado de 07 a 10 de junho passado em Ouro Preto, MG; b) mantém o Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CNC) atualmente com mais de 4.300 cavidades cadastradas; c) mantém a biblioteca espeleológica “Guy-Christian Collet” aberta à consulta de qualquer interessado, com mais de 800 livros e 10.000 artigos em periódicos de todo o mundo; d) publica anais de congressos (resumos) e os periódicos Espeleo-Tema (revista científica), InformAtivo SBE (revista técnica) e SBE Notícias (boletim eletrônico) (edições disponíveis no *site* da SBE, veja *links* interessantes); e) colabora com parques, órgãos ambientais e de pesquisa, nacionais e internacionais; e f) representa a espeleologia brasileira em entidades internacionais, como a Federação Espeleológica da América Latina e do Caribe (FEALC) e a União Internacional de Espeleologia (UIS). Os interessados no assunto que quiserem receber o boletim eletrônico (SBE Notícias) e informes sobre palestras, congressos, etc, podem enviar uma mensagem para sbe@sbe.com.br.



Foto da Gruta do Sabiá, tomada durante a IV Expedição da SBE para Aurora do Tocantins, TO. (Crédito da foto: Rita Lengruber).

Endereço da sede e da biblioteca: Parque Taquaral, portão 2, Campinas, SP, Fone: (19) 3296-5421. Correspondências: Caixa Postal 7031, CEP 13076-970, Campinas, SP.

EVENTOS

Exposição “Darwin – Descubra o homem e a teoria revolucionária que mudou o mundo”

4 de maio a 15 de julho de 2007

Museu de Arte de São Paulo

São Paulo, SP

<http://darwinbrasil.uol.com.br/darwin/>



Mesa e acessórios de Darwin, expostos no Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, SP.

4th International Limnogeology Congress

11 a 14 de julho de 2007

Barcelona, Espanha

congress@aopc.es, <http://www.wilic2007.com>

1st International Palaeobiogeography Symposium

10 a 13 de julho de 2007

Paris, França

<http://sgfr.free.fr/rencontrer/seances/s07-07paleobiogeo.html>

9th WOGOGOB (Working Group on the Ordovician Geology of Baltoscandia)

10 a 20 de agosto de 2007

Uppsala, Suécia

WOGOGOB2007@pal.uu.se

4th European Meeting on Palaeontology and Stratigraphy of Latin-America

IGCP 503 Regional Meeting and Fieldtrip

12 a 15 de setembro de 2007

Madrid-Zaragoza, Espanha

<http://www.goingtomeet.com/conventions/details/10942>

Reunión Anual de Comunicaciones de la Asociación Paleontológica Argentina - 50° Aniversario de Ameghiniana

5 a 7 de setembro de 2007

Corrientes, Argentina

www.reunionpaleo.com.ar

XV Semana dos Dinossauros

17 a 21 de setembro de 2007

Peirópolis, Uberaba, MG

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

1 a 7 de outubro de 2007

Ministério da Ciência e Tecnologia, DF

V Congreso Uruguayo de Geología

10 a 12 de outubro de 2007

Montevideo, Uruguai

<http://www.sugeologia.org/congreso2007/congreso2007.htm>

XX Congresso Brasileiro de Paleontologia

21 a 26 de outubro de 2007

Búzios, Rio de Janeiro

<http://www.xxcongressobrasileirodepaleontologia.com/>

PS Annual Meeting, at the GSA Annual Meeting

28 a 31 de outubro de 2007

Denver, Colorado, E.U.A

http://www.paleosoc.org/2007_Denver_GSA.html

VII Reunión Argentina de Cladística y Biogeografía

Novembro de 2007

San Isidro, Buenos Aires, Argentina

www.darwin.edu.ar

X Simpósio de Geologia da Amazônia

11 a 15 de novembro de 2007

Porto Velho, Rondônia

<http://www.simposiogeologia.com.br>

VI Simposio Sudamericano de Geologia Isotopica

13 al 17 de Abril de 2008

San Carlos de Bariloche, Argentina

<http://www.ingeis.uba.ar/ssagi/inicio>

XII Reunión Argentina de Sedimentología

3 a 6 de Junho de 2008

Buenos Aires, Argentina

<http://www.sedimentologia.org.ar/xiiras>

III Congreso Latino-americano de Paleontología de Vertebrados

22 a 25 de setembro de 2008

Neuquén, Argentina

<http://www.proyectodino.com.ar/3clpv>

LINKS INTERESSANTES

www.sbe.com.br – Site da Sociedade Brasileira de Espeleologia

<http://www.sbe.com.br/sbenoticias.asp> - Boletim n. 38 da Sociedade Brasileira de Espeleologia. Entre os temas desçam-se: Bodoquena terá primeira caverna alagada aberta à visitação; Base mundial de revistas sobre carste e caverna e III Congresso Argentino de Espeleologia.

<http://darwin-online.org.uk> - toda a história sobre Darwin e o seu trabalho, bem como manuscritos e trabalhos originais digitalizados.

<http://cienciahoje.uol.com.br/68827> - abril. Coluna Caçadores de Fósseis. O tema principal enfoca a descoberta de um dinossauro que se abrigava em tocas.

<http://ich.unito.com.br/90598> - maio. Coluna Caçadores de Fósseis. O tema principal enfoca o Museu de Paleontologia de Marília.

<http://ich.unito.com.br/93343> - junho. Coluna Caçadores de Fósseis. O tema principal enfoca o endemismo de peixes primitivos no mar de Tethys.

<http://txt.estado.com.br/editorias/2007/04/17/ger-1.93.7.20070417.10.1.xml> - Reportagem sobre leilão de fósseis brasileiros em Paris (O Estado de São Paulo).

www.unb.br/ig/sigep/ - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil

<http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v2n1/sumario21.htm> - Terraæ Didática, revista eletrônica periódica do Instituto de Geociências da Unicamp, dedicada à difusão de materiais didáticos, recursos educativos, notícias e outras informações, divulgando inovações e recursos de alta qualidade para difusão do conhecimento e aprimoramento da Educação Geocientífica. Está disponível em formato eletrônico, sendo destinada às comunidades de geologia, geografia e educação, no Brasil e outros países (em particular da comunidade íbero-latino-americana).

FOTOS PALEO 2006 - SP

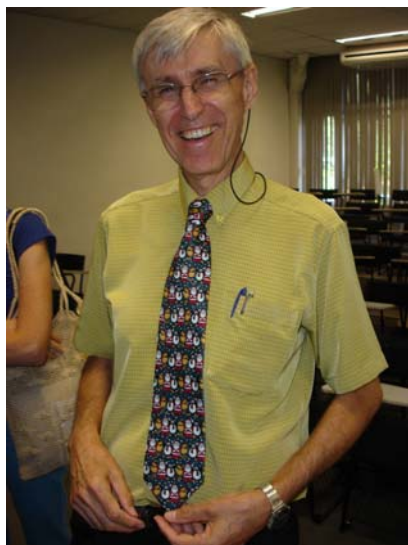
Nosso colega Renato Ghilardi (UNESP, Bauru) enviou essas fotos da Paleo 2006, em São Paulo.



Reunião do Núcleo de São Paulo



Prof. Dr. Max Langer (USP, Ribeirão Preto; Presidente do Núcleo São Paulo)



Prof. Dr. Thomas Fairchild (USP, São Paulo)

PAGAMENTO DAS ANUIDADES

Somente com o pagamento em dia de todos os sócios a SBP poderá ter recursos para cumprir a sua missão, promovendo a Paleontologia no Brasil.

Valores da anuidade:

Sócio efetivo: R\$120,00

Sócio colaborador (estudante): R\$ 60,00*

(*) a anuidade de sócio estudante corresponde a 50% da anuidade do sócio efetivo, desde que comprovada condição de estudante, por meio de envio de comprovante de matrícula.

O pagamento pode ser efetuado por meio de depósito bancário, conta 14.017-1 da agência 0010-8, Porto Alegre, do Banco do Brasil, ou cheque nominal à SBP, cruzado, para Ana Maria Ribeiro, MCN-FZB, Av. Salvador França, 1427, 90.690-000, Porto Alegre. **Envie cópia do recibo de depósito** para ana.ribeiro@fzb.rs.gov.br ou pelo fax (0xx51) 5908177, aos cuidados de Ana Maria Ribeiro.

Expediente

Paleontologia em Destaque N. 58

ISSN 1807-2550 Porto Alegre

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA

Presidente: João Carlos Coimbra (UFRGS)

Vice-Presidente: Marcello G. Simões (UNESP/Botucatu)

1º Secretário: Gerson Fauth (UNISINOS)

2ª Secretária: Juliana M. L. Basso (UNESP/Botucatu)

1ª Tesoureira: Ana Maria Ribeiro (FZB/RS)

2ª Tesoureira: Sabrina C. Rodrigues (UNESP/Botucatu)

Diretor de Publicações: Carla B. Kotzian (UFSM)

Editora: Carla B. Kotzian

Local: Santa Maria

Email: modrizalok@hotmail.com

Web: <http://www.sbpbrasil.org/>